

Apresentação
[Presentation]

REVISTA
compolítica

revista compolítica

2017, vol. 7(2)

compolitica.org/revista

ISSN: 2236-4781

DOI: 10.21878/compolitica.2017.7.1.1402

 Open Access Journal

Alessandra Aldé

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
[Rio de Janeiro State University]

Emerson Urizzi Cervi

Universidade Federal do Paraná
[Federal University of Paraná]

Maria Helena Weber

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
[Federal University of Rio Grande do Sul]

Apresentação

Alessandra ALDÉ
Emerson Urizzi CERVI
Maria Helena WEBER

Os artigos publicados nesta edição da Revista Compolítica podem ser divididos em duas grandes áreas temáticas. Na primeira delas, mais voltada a uma discussão teórico-epistemológica sobre o campo da Comunicação Política, Stephen Coleman retorna como autor convidado, em parceria com Jay Blumler, também professor da University of Leeds, assinando o artigo *A democracia e a mídia – revisitadas*. O artigo, publicado originalmente na revista Javnost – The Public, e traduzido por Marina das Neves Brandão, marca a continuidade da parceria entre a revista e o pesquisador, que foi *keynote* no último encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política.

Em outra contribuição internacional, Heitor Costa Lima da Rocha e João Carlos Ferreira Correia fazem uma discussão conceitual sobre a comunicação digital. O artigo *Comunicação, novos media e direitos humanos: o reconhecimento na era da globalização digital* apresenta o debate sobre as teorias da comunicação e a tensão da abordagem tecnicista com as abordagens sociológicas dos efeitos dos meios digitais de comunicação. Os autores criticam o determinismo tecnológico, dando centralidade ao papel dos constrangimentos sociais na discussão sobre direitos humanos em redes digitais. Para tanto eles retomam conceitos de ação comunicativa habermasiana e remetem ao pluralismo defendido pelo filósofo John Dewey.

Uma terceira reflexão, assinada por Paulo Vaz e Fernando Velasco, se destina a discutir os efeitos da corrupção sobre a política. Apontando a centralidade da corrupção como uma das causas da excessiva mediação e judicialização da política, os autores reportam ao nascimento da noção de corrupção e sua onipresença no noticiário político brasileiro para debater sua relação com a opinião pública.

Outro conjunto de artigos preocupa-se em desenvolver estudos empíricos, notadamente sobre a relação entre a política e os meios de comunicação, digitais ou eletrônicos. No

campo dos estudos sobre redes sociais online (RSO), o artigo de Marcelo Alves, *Redes de campanha na eleição do Rio de Janeiro em 2016* analisa empiricamente o uso do Twitter durante o período eleitoral municipal. Usando técnicas de Análise de Redes Sociais (ARS) e mineração de dados, o estudo desvela uma pulverização das origens e fontes de conteúdos do Twitter sobre as campanhas para a prefeitura carioca. Os candidatos a prefeito publicam uma parte minoritária dos conteúdos, enquanto que as contas identificadas como sendo de militantes políticos são responsáveis por cerca de dois terços do tráfego de conteúdos no Twitter.

Doacir Gonçalves Quadros e Luiz Domingos Costa, em *Quem tem mais tempo no horário gratuito* seguem a linha já presente na literatura de propor uma metodologia de análise da ocupação dos espaços de Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HGPE) em disputas proporcionais. Para tanto, eles aplicam a proposta a um estudo de caso, o dos candidatos a deputado estadual do Paraná em 2014. O objeto empírico dos autores é a distribuição do tempo de horário eleitoral pelos partidos políticos para os candidatos a deputado estadual, considerando diferenças entre tipos de candidatos, se mais inseridos ou menos inseridos nas estruturas partidárias, e entre os partidos. Ao final eles apresentam uma proposta de índice para medir o grau de inclusão dos candidatos no horário eleitoral por partido político.

A presença de atores políticos na mídia, seja a partir de um foco no debate sobre a midiaticização da cena política, seja a partir de investigações sobre a condição de mediação da política, é destaque em três dos artigos que se seguem, começando pelo texto de Janaíne Aires e Clara Câmara, *A mídia e os limites do personalismo na política brasileira*. Outros dois artigos da edição tratam de questões similares. Aires e Câmara usam a abordagem de estudos de casos para descrever o papel da mídia na formação da imagem pública de três deputados federais brasileiros: Celso Russomanno, Jean Wyllys e Tiririca. O tratamento dado ao tema no artigo relaciona a presença deles na mídia com o tipo de relação personalista na política. A discussão é pertinente sobretudo pelo fato de a análise recair sobre cargos eletivos em disputas proporcionais, nas quais por princípio, supõe-se que as imagens públicas estão mais vinculadas aos partidos. Ao analisar as campanhas eleitorais dos três deputados as autoras encontram uma espécie de “majoritarização” da disputa proporcional, em função do tipo predominante de cobertura midiática da política.

Dando continuidade às análises da relação entre mídia e política, dois outros artigos da edição tratam da relação direta entre o campo da comunicação e o campo da política. No texto *Dilma Rousseff no Jornal Nacional*, Bruno Araújo e colegas analisam uma entrevista concedida pela então presidente Dilma Rousseff (PT) aos apresentadores do Jornal Nacional no Palácio do Planalto. Usando o conceito de campo difundido por Bourdieu, os autores fazem uma análise do discurso dos pouco mais de 17 minutos de entrevista, e identificam uma desproporcionalidade entre dois campos, pois o campo midiático incorpora valores negativos ao campo da política, que, por sua vez, passa a se apresentar na defensiva.

Ainda sobre o processo de impeachment de Dilma Rousseff, Amanda Medeiros e Tatiane Leal, em *'Eu sofri a dor inominável da injustiça'...*, utilizam as ferramentas da análise de discurso para descrever as características do comunicado oficial de afastamento de Rousseff da Presidência da República, em maio de 2016. Com isso, as autoras encontram um distanciamento do conteúdo desse discurso com os textos políticos tradicionais. Nele, é possível encontrar não mais uma presidenta, mas uma vítima de uma injustiça. Há uma humanização pouco comum nos comunicados políticos ao destacar a experiência do trauma e o sofrimento vivenciado por parte da Chefe de Estado afastada.

Também nesta edição, a Revista Compolítica inaugura a publicação dos trabalhos premiados pela associação Compolítica como melhores teses e dissertações do biênio 2016-2017. A série de artigos com a apresentação dos principais resultados das pesquisas premiadas tem início com o trabalho de Pâmela Araujo Pinto, *A mídia brasileira e seu recorte regional: uma nova proposta de estudo exposta na análise dos mercados das regiões Norte e Sul*, vencedora do prêmio de melhor tese conferido pela Compolítica, em 2017. O trabalho de Fernanda Cavassana de Carvalho, *Dilma e Aécio nos portais de Veja e Carta Capital em 2014: uma comparação entre editorias jornalísticas e blogs na cobertura das eleições presidenciais*, recebeu, no mesmo ano, o prêmio de melhor dissertação. E o trabalho *Rebeldia e desalento: um estudo comparativo dos enquadramentos sobre o Congresso Nacional em editoriais de Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo*, de Camila Mont'Alverne, foi contemplado com a menção honrosa na categoria dissertação.

Na seção de Extras desta edição ainda temos a resenha de Ana Beatriz Brêtas e Viktor Chagas da coletânea *Democracia Digital, Comunicação Política e Redes – teoria e prática*, volume organizado por Sivaldo Pereira da Silva, Rachel Callai Bragatto e Rafael Cardoso Sampaio. O livro reúne autores brasileiros que trabalham com a temática de democracia digital, com uma abordagem transdisciplinar desse campo de pesquisas que apesar de ser relativamente novo tem apresentado um crescimento acelerado como subárea das pesquisas em Comunicação Política.

Desejamos a todos boa leitura e reforçamos o interesse da revista em acolher trabalhos, em sua seção de artigos ou de extras, que tratem da interseção temática entre comunicação e política. As submissões são recebidas em fluxo contínuo.